

Trajetória previsível para o desaquecimento econômico

A economia brasileira seguiu a trajetória previsível, traçada a partir de adversidades internas — crise energética, elevação das taxas de juros e do câmbio — e externas — crise argentina, desaceleração mundial, reforçada pela recessão americana, e o conflito entre os Estados Unidos e Afeganistão, que aprofundaram as incertezas. Pisou fundo no freio.

O Brasil deve encerrar 2001 com resultados diametralmente opostos aos projetados em janeiro, quando as previsões de crescimento eram bastante otimistas apesar dos sinais de esmorecimento no nível de atividade registrados nos Estados Unidos desde o último trimestre do ano passado.

A sondagem trimestral realizada pela Fundação Getúlio Vargas entre 25 de setembro e 24 de outubro junto a 1.241 empresas detectou que a ociosidade verificada sobre a capacidade instalada da indústria local é de 20,1%.

O levantamento da FGV começou a ser feito em 1966. Este é o pior índice verificado em um mês de outubro desde 1993 e não há nada no front que permita vislumbrar alguma melhora para o último trimestre do ano, pois, historicamente, o período entre agosto e outubro capta o pico de produção anual destinado a atender à demanda do fim de ano.

A indicação dos setores mais afetados — com destaque para o químico, fornecedor de matéria-prima para muitas áreas importantes — e as expectativas das companhias com respeito ao comportamento da demanda interna e externa, além do excessivo nível de estoques captado entre 20% do conjunto de empresas entrevistadas podem sugerir uma importante retração no nível de atividade entre janeiro e março, trimestre em que tradicionalmente a economia entra em marcha lenta.

A cotação do dólar continua inibindo as importações e, em boa medida, esse contingenciamento forçado pode abrir perspectivas para a produção interna, estimulando o nível de atividade. Contudo, na ponta das exportações, que sempre ajudaram o Brasil a compensar os hiatos do mercado doméstico, as perspectivas são ainda bastante

nebulosas.

Michael Finger, diretor da divisão de análises e pesquisa econômica da Organização Mundial de Comércio (OMC) afirmou em entrevista ao **Valor** que o Brasil deve aumentar sua participação nas transações internacionais ainda este ano, embora o desaquecimento mundial esteja provocando a maior queda já verificada nesses negócios desde 1982.

A expectativa das mais de 1.200 empresas consultadas pela FGV, no entanto, aponta em outra direção: 26% delas acreditam que a demanda externa deve arrefecer. Os grandes e tradicionais exportadores brasileiros, é verdade, estão traçando estratégias que lhes permitam aumentar as vendas externas em 2002, a partir da conquista de novos mercados e da consolidação do portfólio existente.

O fato é que o desempenho das exportações depende fundamentalmente do desempenho da economia dos EUA, cuja performance tem força determinante sobre a atividade mundial; da União Européia, maior parceira comercial do Brasil; e da Argentina, cujo futuro no curto e médio prazo continua, infelizmente, bastante desalentador.

Espera-se que o recente empenho oficial em respaldar as vendas externas e a iniciativa empresarial individualizada consigam, como sugere Finger, ampliar contratos com os países proporcionalmente menos afetados pela desaceleração.

Mas não se podem esperar milagres. Sabe-se que o vigor da economia mundial depende da retomada do fôlego por parte dos EUA, algo que a vingar a avaliação da maioria dos especialistas, só deve ocorrer a partir do segundo trimestre de 2002, salvo algum fato extraordinário no cenário internacional.

O cenário não é otimista. Mas o Brasil, ainda assim, pode relativizar a própria desaceleração substituindo de modo inteligente as importações — conquista que pode se tornar permanente se obtiver competitividade — e ampliando exportações. A situação do país é mais confortável do que a do México, por exemplo. Crises também abrem oportunidades. Há que saber aproveitá-las.